

QUAL A POSIÇÃO DO ANALISTA FRENTE A UMA ANÁLISE?

Iasmin Garcia Esteves de Freitas

Estudante de Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: iasmingedf@gmail.com

Maria Julia Rocha Gonçalves de Oliveira Abrão

Estudante de Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: mariajuliabrao@gmail.com

Anna Isabel Araujo Vaz

Professora especialista do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: anna.vaz@univag.edu.br

As reflexões apresentadas no presente trabalho se deram a partir das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado Específico II: Políticas de Saúde, orientado pela teoria psicanalítica. A prática do estágio foi realizada no Serviço Integrado de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande, no segundo semestre de 2024. Posto isso, a escolha do tema deste trabalho se deu a partir dos desafios encontrados durante a prática clínica em concomitância com a supervisão. Dessa forma, no decorrer dos atendimentos, os estagiários tiveram contato com conteúdos complexos e emocionalmente intensos trazidos pelos pacientes. Isto gerou incertezas sobre como responder, de maneira adequada, à complexidade do que foi dito, além de também afetar emocionalmente os estagiários, haja vista que isso gerou uma confrontação com a própria vulnerabilidade. Ademais, os estagiários de psicologia vivenciaram, durante a prática clínica, como se dá a vinculação entre analista e analisando durante o processo terapêutico, o que gerou uma ruptura nas expectativas que já existiam sobre como essa relação se estrutura em comparação com a realidade que vivenciaram. Outros desafios também surgiram durante a experiência de estágio, a complexidade conceitual da teoria psicanalítica e sua integração com a prática clínica exigiram aprofundamento constante. Também, a quebra de paradigmas que a psicanálise exige em relação à reavaliação das próprias crenças foi uma tarefa exigente, pois desafia conceitos já consolidados, com os quais os estagiários estão familiarizados. Dito isso, os desafios citados anteriormente neste trabalho demonstram a necessidade desta discussão para esclarecer os estudantes de psicologia sobre a posição que devem adotar como estagiários orientados pela teoria psicanalítica e como futuros psicanalistas. Posto isso, a formação de um psicanalista exige mais do que a análise pessoal, supervisão, prática clínica, ou o aprofundamento teórico das obras de Freud. Ser psicanalista exige que o indivíduo rompa com um ideal hegemônico de bem-estar e passe a questionar conceitos, amplamente difundidos, e desafiar uma lógica que objetifica o sujeito e visa a produtividade sem reservas. Para Freud (1930) o compromisso do psicanalista não é com a felicidade, como um projeto humano fadado ao fracasso, mas com o desejo. Diante disso, é notável que os objetivos clínicos da psicanálise rompam com o ideal de eficácia, fortemente difundido no mercado atual, e ao invés disso, que busque apontar para o desejo do analisando, pois Lacan (1966) enfatiza a importância do desejo na formação do sujeito, sendo ponto central para a compreensão das subjetividades e dinâmicas inconscientes. Considerando isso, evidenciar o desejo e a posição ética do sujeito frente a ele, são elementos fundamentais do processo psicanalítico. Dessa forma, nota-se que a posição do analista transcende a simples escuta das associações que o paciente traz livremente, incluindo também a atenção flutuante — em que todo conteúdo revelado tem o mesmo valor e nada é irrelevante —, além de estar atento ao manejo da transferência e contratransferência. Logo, diferente da lógica de mercado, o papel do analista não é fornecer soluções diretas ou orientar o paciente no modo de se conduzir, mas sim ocupar um lugar que permita a emergência do desejo e dos conflitos inconscientes do analisando, para que ele tome uma posição própria frente ao que é seu. Freud, por sua vez, já indicava que este trabalho exige um distanciamento das expectativas e projeções

sociais de sucesso ou felicidade, visto que sua função é possibilitar que eles tenham acesso ao seu próprio desejo, que frequentemente se encontra reprimido por exigências civilizatórias, estabelecidas social e historicamente (Freud, 1930). Nesse contexto, a psicanálise não visa resolver o sofrimento no sentido de eliminá-lo, mas entender sua origem e seu papel na estrutura psíquica do sujeito, sendo posição do analista manter-se numa postura de neutralidade técnica, não oferecendo conselhos ou validações, mas, sim, abrindo um espaço para a fala livre, em que o inconsciente possa se manifestar. Inclusive, Lacan introduz a ideia de que o analista deve se posicionar com um "não-saber", ou seja, não deve representar o lugar do saber no processo analítico. Para ele, o saber sobre o desejo está sempre no campo do paciente, e o analista atua como um facilitador para que esse saber seja acessado, o que retira o analista de uma posição de poder sobre a verdade do paciente, permitindo que o indivíduo se aproprie de sua própria narrativa (Lacan, 1964). Vale ressaltar que a psicanálise concentra-se em destacar o mal-estar do sujeito, fugindo de uma abordagem que privilegia o bem-estar como meta terapêutica, mas que considera o sofrimento um aspecto determinante da experiência humana. Para Freud (1930) a repressão dos instintos resulta em sofrimento para os sujeitos e as restrições impostas pela civilização geram conflitos internos, causando o mal-estar. Logo, o estudo psicanalítico busca direcionar a atenção para angústia do paciente, além de buscar compreender os fenômenos psíquicos dos analisando sem qualquer tipo de julgamento moral, isto é, o analista busca promover a imparcialidade na escuta. No livro *Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*, Bruce Fink (2018) menciona que a pessoa do analista deve desaparecer, para que ele ocupe o lugar do inconsciente do analisando, isto é, o analista deve se colocar em uma posição de “desaparição”, para permitir que o inconsciente do analisando se manifeste de forma livre. Ademais, a projeção, para a teoria psicanalítica, chama-se transferência, que para Freud (1912) trata-se de uma ferramenta essencial do processo terapêutico e é o conceito central da psicanálise que se refere a manifestação do inconsciente, onde o paciente atribui ao analista suas experiências. Contudo, o presente trabalho tem como objetivo dar enfoque ao conceito da contratransferência, haja vista que o seu propósito é compreender a posição do analista frente a uma análise. Para Freud (1909) a contratransferência trata do resultado advindo da influência que os relatos do paciente exercem sobre os sentimentos do analista. Esse conceito foi, inicialmente, reconhecido como um obstáculo ao trabalho analítico, porém, Freud salienta que o tratamento deve ser levado em abstinência, isto é, o analista deve se distanciar emocionalmente do analisando e se abster de atender aos seus desejos e expectativas. Posto isso, a perspectiva de Lacan (1998) não é a de que os sentimentos contratransferenciais não existem, mas que estes se situam no nível imaginário e, por isso, devem ser postos de lado pelo analista. Para tanto, os sentimentos existentes na relação contratransferencial não devem ser usados como parte da condução do tratamento e nem revelados ao analisando, pois isso situaria o analisando e o analista no mesmo patamar, o que não é verdade, pois o único sujeito que pode existir em uma análise, é o do analisando. Dito isso, para a relação terapêutica analítica acontecer, o analisando não pode ver o analista como seu igual, mas sim como o sujeito suposto saber. Ao mesmo tempo que, para Lacan, o analista deve atuar na castração, não detendo o saber ou fornecendo soluções prontas, mas permitindo que o analisando assumira sua própria castração e que o analisando se depare com a sua. Pois, para esse autor, a castração tem uma dimensão estruturante que funciona como um ponto de articulação entre o sujeito e sua ordem simbólica, o introduzindo no campo do desejo e na dialética da falta. Dessa maneira, ao se posicionar como aquele que se abstém de preencher as lacunas do sujeito, o analista permite que o analisando confronte a angústia marcada pela castração e, assim, possa construir uma relação mais autêntica com o seu próprio desejo. No decorrer da análise, esse processo de confrontação com a própria falta e com a falta no Outro (simbolizada pela castração), é o que possibilita o avanço no tratamento. Então, o reconhecimento de que o analista também está sujeito à castração garante a estrutura ética da análise e evita que ele se veja como alguém capaz de fornecer a verdade ao analisando, evitando a imposição de uma solução advinda do



Outro. Em vez disso, sua função é provocar a fala, permitindo que o desejado se revele no espaço da falta, naquilo que ele não pode, ou não quer dizer (Lacan, 1964). Portanto, o conceito de castração redefine o lugar do analista, não como aquele que detém respostas ou saber, mas como aquele que opera na brecha da falta, possibilitando que o paciente encontre sua própria resposta diante da estrutura de seu desejo. Assim, o analista deve se manter numa posição que permita que o sujeito reconheça essa estrutura faltante, sem tentar resolvê-la com soluções fáceis. Caso isso não aconteça, corre-se o risco da relação terapêutica entrar numa dinâmica imaginária, o que impede o movimento necessário para a elaboração psíquica individual. Assim, o analista precisa manejar a contratransferência de forma ética e cuidadosa, reconhecendo seu poder, sem se deixar envolver em suas armadilhas. Desse modo, este não é um fenômeno a ser resolvido, mas um motor do processo analítico que, quando bem conduzido, leva à revelação dos conflitos inconscientes. O desafio do analista, portanto, está em sustentar esse lugar de "outro desejante", sem preencher as lacunas que o analisado precisa confrontar para realizar seu próprio percurso de subjetivação. Nesse sentido, sua posição é paradoxal, abrindo espaço para que o analisado se encontre e elabore suas próprias questões, e é esse delicado equilíbrio entre saber e não-saber.

Palavras-Chave: 1. Psicanálise 2. Contratransferência 3. Analista